

## **RUBÍ: UMA INTRIGANTE PERSONAGEM EM UM PASSEIO POR TRÊS SUPORTES**

Thais Maria Holanda Jerke Sevilla Palomares  
Mestrado/UFF  
Orientador: Rodrigo Labriola

O produto *Rubí* nasce na indústria cultural como uma história em quadrinhos (ou *historieta*), gênero que é comercializado especialmente ao público popular, o primeiro suporte com o qual trabalharemos neste artigo. A revista na qual foi publicada pela primeira vez, no final da década de 1950, no México, se chamava *Lágrimas, risas y amor*, da Editorial Argumentos. A editora foi fundada por Yolanda Vargas Dulché, autora de *Rubí*, e seu esposo, Guillermo de la Parra, em 1957.

*Rubí* foi publicada semanalmente ao longo de dezoito números, cada um com trinta e duas páginas, que tinham a estrutura semelhante à do folhetim: desenvolviam a história ao poucos, mantendo o suspense. As revistas em quadrinhos dessa editora, além de circularem no México, também foram exportadas, não somente para a América Latina, mas para várias partes do mundo.

Muitas das histórias publicadas nessa revista foram adaptadas posteriormente para o formato telenovela pela emissora mexicana Televisa, como foi o caso de *Rubí*, pela primeira vez televisionada em 1968. Desta forma, voltaram a viajar pelo mundo, sendo novamente exportadas para diversos países. *Rubí* foi caracterizada como “um clássico da literatura popular latino-americana”<sup>1</sup>, pois povoa o imaginário, não somente mexicano, mas também de outros lugares para os quais foi exportada, há muitas décadas.

Depois da primeira versão da telenovela, começou a ser rodado o filme *Rubí*, o segundo suporte com o qual trabalharemos, dirigido por Carlos Enrique Taboada. O filme estreou em outubro de 1971, trazendo a história dos quadrinhos adaptada para o

---

<sup>1</sup>Segundo o trailer da telenovela *Rubí*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xTufTT6u5gg>, acesso em 25 de outubro de 2014.

cinema. A atriz que interpreta a protagonista é Iran Eory, natural do Irã. *Rubí* foi seu primeiro trabalho no México, portanto ela não era conhecida nesse país anteriormente. Na época havia discussões a respeito de qual atriz interpretaria melhor a personagem, já que ela fazia parte da memória do público graças aos quadrinhos e à primeira versão da telenovela.

A segunda versão da telenovela, dirigida por Benjamin Cann e produzida por José Alberto Castro, data do ano de 2004 e será o terceiro suporte com o qual trabalharemos. A história foi atualizada nesta segunda adaptação para a televisão e muitas tramas secundárias foram adicionadas. A protagonista é interpretada pela atriz uruguaia Bárbara Mori, que já trabalhava no México há algum tempo, mas não tinha ainda tanto destaque, sendo para muitos espectadores um novo rosto, o que era conveniente ao caráter sedutor e misterioso da personagem.

Para fins explicativos, podemos separar a história de *Rubí* em três momentos básicos: ascensão da protagonista, seu apogeu, que começa a partir de seu casamento e termina com uma crise nessa união, e seu declínio. Na situação inicial, Rubí é uma moça pobre que deseja melhorar sua condição social através de um casamento, pois acredita que merece ser rica por ser bela, ao contrário de sua amiga Maribel, que é milionária, mas tem uma doença que a impossibilita de movimentar a perna normalmente. Rubí se aproveita dessa amizade para se aproximar de Cesar (seu nome nos quadrinhos e no filme) /Hector (seu nome na telenovela), o noivo de Maribel, com o objetivo de conquistá-lo. Ela consegue encantá-lo e eles se casam, sendo esse momento o que marca o início de seu apogeu.

Depois do casamento, Rubí deixa a sua família humilde, aproveitando a boa condição financeira de seu esposo, que lhe proporciona joias, viagens, roupas caras e festas, como ela sempre desejou. Porém, a boa vida do casal não se mantém por muito tempo, já que Cesar/Hector vai se desiludindo com Rubí ao perceber que ela não valoriza os sentimentos e não deseja construir uma família com ele. Essa crise culmina em uma doença de Cesar, nos quadrinhos e no filme, que faz com que eles tenham que voltar à Cidade do México para seu tratamento. No caso da telenovela, o casal tem muitos conflitos e chegam a se separar várias vezes.

Durante o declínio da personagem, a terceira etapa da trama, ela se relaciona com Alejandro, o melhor amigo de seu marido, a quem antes desprezava por ser pobre. Rubí chega a se apaixonar por ele, o que nunca aconteceu com Cesar/Hector, com quem

ela se casou somente por interesse financeiro. Na telenovela, ela o amava desde que se conheceram, mas se recusou a estar com ele por sua condição financeira, e inclusive engravida dele, mas depois perde o bebê. No final da história, Rubí pede a Alejandro, que é médico e está tratando de seu esposo, que deixe Cesar/Hector morrer para que eles possam viver seu amor. Cesar/Hector termina realmente falecendo, depois de muito sofrer ao perceber que Rubí não o amava.

Rubí tem um final diferente em cada uma das versões: nos quadrinhos, pede perdão e se joga de um prédio; no filme cai de um prédio após ser empurrada por Alejandro e também pede perdão; na telenovela sofre um acidente e tem a perna amputada, mas não se arrepende de seus atos. Nas três versões, Rubí fica com o rosto desfigurado, perdendo sua beleza, seu principal valor. Já Alejandro tem um final feliz em todas as versões, casando-se com uma mulher que o ama.

Temos, então, um esquema *tripartito* clássico, com ascensão, graças a um casamento por interesse, apogeu, crise e declínio, com a volta do personagem Alejandro. Podemos perceber que entre Cesar/Hector, Rubí e Alejandro há um triângulo amoroso, que provém do primeiro formato (história em quadrinhos) e se mantém no filme e na telenovela.

Portanto, analisar a personagem Rubí é primordial, porque desde o título dos quadrinhos, do filme e da telenovela, um nome feminino, já percebemos a relevância do papel da mulher para a história. De fato, todo o esquema narrativo gira em torno dela, que é o motor da maioria dos acontecimentos da trama.

Segundo a descrição da autora Erika Bornay em *Las hijas de Lilith, a femme fatale* é uma mulher que utiliza a sua beleza e sensualidade para seduzir os homens, que dificilmente resistem a ela, por isso a denominação fatal. “[...] belleza de la mujer como un don del diablo para tentar y hacer pecar al hombre.” (BORNAY, 2005: 85) Por ser irresistível, é uma mulher que muitas vezes faz os homens reféns de suas vontades, os usa e depois os abandona. “La mujer fatal es la que se ve una vez y se recuerda siempre. Hay hombres que mueren por ellas.” (BORNAY, 1995: 114) Rubí, segundo as descrições feitas nos quadrinhos e no trailer da telenovela, se relacionaria a essa definição.

Em comum com as mulheres fatais Rubí tem, de maneira aparente, as características físicas, desde o olhar intenso, com seus olhos verdes, os cabelos volumosos e o uso da cor vermelha, relacionada ao seu nome, em vestimentas,

acessórios e cosméticos, o que contribui para que ela chame atenção. Uma pinta perto da boca, como tem Rubí, é um sinal de sedução.

Segundo Sarlo (1995), os olhos são uma maneira de expressão e comunicação. Também se relacionam a um mistério e ao desejo erótico. Além disso, os olhos não podem mentir, então, na telenovela, os olhos de Rubí muitas vezes revelam seu amor por Alejandro, mesmo que ela não queria admitir que ama um homem pobre. Mas, mais importante que comunicar sentimentos, os olhos de Rubí fitam sua própria figura refletida, construindo sua identidade.

Desde os primeiros quadros da primeira versão da história, Rubí já apresenta um caráter vaidoso, fascinada pelo espelho no qual se admira. Nesse momento, suas características físicas são destacadas, não somente no desenho, mas também de maneira verbal: feições delicadas, boca sensual, olhos verdes, cabelos ondulados e escuros. Rubí está definida pela visualidade, que fazem com que a beleza seja uma de suas principais características, como observaremos nas figuras a seguir.



Figura 1: Uma imagem de Rubí como *femme fatale* na história em quadrinhos.

Essa imagem ilustra alguns dos atributos físicos que são destacados em Rubí, como seus olhos, sua boca e seu corpo. Sua pose e seus adornos (joias, casaco de pele, piteira) a aproximam do perfil de *femme fatale*.



Figura 2: Imagem *versus* personalidade de Rubí

Percebemos nessa apresentação, também presente nas páginas da história em quadrinhos, que Rubí concentra um conflito: sua bela imagem *versus* o texto que se expõe sobre ela, já que a moralidade social propõe que uma mulher bela fisicamente também deve ter um belo caráter. Algumas das características utilizadas para a descrição de Rubí são comuns nas *femme fatale*: “cruel”, “egoísta”, “cheia de ambição”, “má”, “desejada por todos os homens que dão sua vida por ela”. É destacada a figura de

seu rosto, mostrando toda a sua beleza, no qual a marca de imoralidade poderia ser a pinta ao lado de sua boca, vista como uma característica sensual.



Figura 3: Características de Rubí

Essa ilustração da revista faz uma recapitulação da história de Rubí e a caracteriza como manipuladora de sentimentos, indiferente aos que a amam, ambiciosa e egoísta, ou seja, como causadora do mal para muitos personagens. Termina com uma frase, com fins publicitários, que pode fazer o leitor refletir: “Descubra por que os homens vivem só para ela!”, enfatizando o conflito de um rosto belo, que novamente é destaque, *versus* uma personalidade má.

Mais um momento no qual Rubí se aproxima do perfil de *femme fatale* é quando, ao longo da trama, Rubí nega a maternidade, dizendo que não quer estragar seu corpo. Sabemos que as *femme fatale* não costumam ter filhos, porque a imagem de mãe abnegada e sacrificada não condiz com o poder de sedução dessas mulheres, que geralmente não têm boas relações com crianças e muito menos sentimentos maternos. Inclusive, muitas vezes as *femme fatale* são estéreis, como Lilith, a precursora das mulheres fatais, apontada como a primeira esposa de Adão, que depois o abandonou.

A imagem de mulher fatal está vinculada à amante, à prostituta, à pecadora e à estéril, se opondo à esposa, santa e mãe. À mulher é associada uma grande carga de culpa por acontecimentos negativos, como doenças, vícios e mortes. “El ser fatal que atrae, persuade y finalmente empuja al abismo que es el sexo y también la muerte. La muerte es una mujer.” (BORNAY, 1995: 368)

Ao longo das descrições de Bornay (1995), a *femme fatale* muitas vezes é definida como “devoradora de homens”, “diabólica”, “perigosa”, “cruel”, “má fêmea”, “impura”, “terrível”, “vampiresca”, “traidora”, “maléfica”, “bestial”, “misteriosa” e até como amante do diabo. Algumas assassinaram os homens com quem estavam ou se vingaram deles de alguma maneira perversa. Esse tipo de mulher também costuma valorizar o sexo e as relações carnais. Muitas vezes são associadas a animais selvagens ou perigosos, como serpentes, tigres e outros felinos.

A mulher fatal se opõe à moralidade e a muitos valores latino-americanos, por isso, na telenovela mexicana, cria-se um conflito ainda maior ao redor dela. Rubí em muitos sentidos se aproxima do conceito de mulher fatal, mas por outro mantém valores morais da sociedade mexicana, na qual está inserida.

Para abordarmos o estereótipo feminino e as possíveis imagens da mulher especificamente no México, recorreremos ao autor Octavio Paz e ao seu livro *El laberinto de la soledad*, de 1950, no qual ele discorre sobre a identidade e a moralidade mexicanas em diversos níveis, abordando inclusive o tema da mulher.

Segundo Paz (1950), na sociedade mexicana existe a associação da mulher à culpa e a ideia de que ela seria o ser humilhado, desprezado e literalmente aberto, sexualmente, politicamente e emocionalmente. Dessa forma se daria, então, a relação entre homens e mulheres, *chingones* e *chingadas*.

Lo chingado es lo pasivo, lo inerte y abierto, por oposición a lo que chinga, que es activo, agresivo y cerrado. El chingón es el macho, el

que abre. La chingada, la hembra, la pasividad pura, inerme ante el exterior. La relación entre ambos es violenta, determinada por el poder cínico del primero y la impotencia de la otra. La idea de violación rige oscuramente todos los significados. La dialéctica de 'lo cerrado' y 'lo abierto' se cumple así con precisión casi feroz. (PAZ, 1950: 70)

Rubí rompe esse paradigma, se apresentando como uma mulher que não é passiva e nem dependente da vontade do homem, já que tem poderes de decisão e escolha. Ao contrário, ela domina os homens que caem a seus pés graças à sua beleza e seu poder de sedução. Então, Rubí se aproximaria do perfil de *femme fatale*, ameaçador para os homens que desejam uma mulher submissa. Em seus planos, Rubí deseja depender economicamente de um homem, mas seu poder de sedução é tão forte que ela acredita que sempre estará na posição de dominadora.

Por outro lado, Paz (1950) também expõe a ideia, presente na sociedade mexicana, de que o mal reside na mulher. Essa abertura feminina seria a culpada de que, por exemplo, os espanhóis conseguissem dominar o território hoje mexicano, ajudados pela traição da Malinche, mulher indígena que se tornou tradutora de Cortez. Assim, o perfil de mulher má, traidora, mentirosa e responsável pelas tragédias que acontecem na história está em Rubí. Ao longo da trama, em muitos momentos ela é caracterizada por outros personagens como “perversa”, “perigosa”, “mulher má”, “cruel”. Para sua mãe, sua beleza física não servia de nada se sua alma era impura.

Ademais, segundo Paz (1950), na sociedade mexicana está presente a ideia de que a mulher é pecadora por nascimento. “Para los mexicanos la mujer es un ser obscuro, secreto y pasivo.” (40) Rubí se encaixa nessa definição no sentido em que comete muitos atos que culminam com a infelicidade de diversos personagens, como Maribel, sua amiga, sua mãe e seu esposo Cesar/Hector.

Es curioso advertir que la imagen de la "mala mujer" casi siempre se presenta acompañada de la idea de actividad. A la inversa de la "abnegada madre", de la "novia que espera" y del ídolo hermético, seres estáticos, la "mala" va y viene, busca a los hombres, los abandona. Por un mecanismo análogo al descrito más arriba, su extrema movilidad la vuelve invulnerable. Actividad e impudicia se alían en ella y acaban por petrificar su alma. La "mala" es dura, impía, independiente, como el "macho". Por caminos distintos, ella también trasciende su fisiología y se cierra al mundo. (PAZ, 1950: 42)

Certamente, Rubí é definida em vários momentos como “mala mujer”. Além de ser materialista, característica por muitos considerada negativa, Rubí utiliza as pessoas



para conseguir o que quer. Ela não espera os homens, pelo contrário, os busca no momento que deseja.

Segundo Paz (1950), os mexicanos valorizam o recato, especialmente nas mulheres, como maneira de defender sua intimidade. Diferentemente do que se poderia imaginar, essa característica está presente em Rubí, já que ela utiliza seu corpo para sedução quando deseja realizar algum objetivo, mas por outro lado mantém o pudor em algumas situações, valorizando sua pureza.

Além disso, ela busca não se encaixar no papel de amante, pois seu objetivo é o casamento, no qual ela chega virgem. Essas características estão relacionadas à moralidade mexicana que circunda a história de Rubí, incluindo valores como a exaltação do casamento e a preservação da virgindade, em uma referência religiosa ao culto à Virgem Maria.

El secreto debe acompañar a la mujer. Pero la mujer no sólo debe ocultarse sino que, además, debe ofrecer cierta impasibilidad sonriente al mundo exterior. Ante el escarceo erótico, debe ser "decente"; ante la adversidad, "sufrida". En ambos casos su respuesta no es instintiva ni personal, sino conforme a un modelo genérico. (PAZ, 1950: 39)

Nesse trecho, Paz determina algumas características do estereótipo feminino, que estão em algumas personagens de *Rubí*. A própria protagonista mostra que segue o estereótipo de “decente” em relação a temas como a virgindade. O casamento para Rubí estava além do amor e significava uma obrigação moral e social.

Em algumas cenas ela diz que sabe se valorizar e podemos ver isso como uma manutenção dos valores familiares tradicionais, mas também existe a hipótese que Rubí sabia que se manter virgem era uma excelente forma de fazer com que os homens não perdessem o interesse nela e valorizassem seu caráter, conservando uma boa imagem.

Outras ideias tradicionais de Rubí na telenovela são a de que só se ama uma vez, a exemplo de seu amor por Alejandro, e a de que um filho só pode ser resultado do amor. Então, em alguns sentidos, para Rubí é muito importante seguir os valores morais da sociedade mexicana.

Rubí pode ser considerada uma mulher fatal, mas também é uma mulher mexicana. Na telenovela, tem a capacidade de amar e é sensível em diversos momentos, sente culpa por não ter permanecido ao lado daquele que ela considera o amor de sua vida e sofre por consequência desse ato. Ela também se sente mal por ser humilhada e

considerada inferior por ser pobre e por ser vista como uma mulher fácil por alguns homens. Nesse ponto, Rubí une-se às mulheres que também amam, sofrem e sentem culpa.

Portanto, nessa história alguns estereótipos são rompidos, já que a protagonista não tem os valores que normalmente aparecem nessas personagens, como a bondade, o altruísmo e a inocência. Por outro lado, especialmente na telenovela está claro que Rubí não é uma vilã prototípica, porque é capaz de amar e segue valores morais enraizados em sua sociedade.

O fato de a personalidade de Rubí não ser completamente identificada como uma vilã, mas também não ser caracterizada como uma mocinha é algo diferente na história das narrativas populares, como nos confirma Sarlo (1995):

En general, los personajes son presentados por la exacerbación de sus cualidades: las mujeres bellas son bellísimas; los generosos, puro desinterés; los ambiciosos, seres capaces de todo, e incluso los mediocres, total y absolutamente anodinos. La contradicción o la ambigüedad atraviesan muy raramente las superficies lisas de las almas y los cuerpos que pueblan esas narraciones. (150)

Outra razão para considerarmos que a telenovela rompe estereótipos é que nela a personagem Rubí não tem o mesmo final irreversivelmente moralizante (a morte) que na história em quadrinhos e no filme. Nela, Rubí, apesar de ter ficado desfigurada e ter tido uma perna amputada, perdendo assim sua beleza, que para ela era seu maior valor, ainda tinha alguma esperança de vingança, representada por sua sobrinha, que esteve ao seu lado depois de seu acidente, apoiando-a e aprendendo com ela. Então, a telenovela *Rubí* se destaca entre outras telenovelas mexicanas por ter uma protagonista que não é prototípica, mesclando características e transitando entre os papéis de mocinha e vilã.

## Referências

BORNAY, Erika. *Las hijas de Lilith*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

BRAGANÇA, Maurício de. *A traição de Manuel Puig: melodrama, cinema e política em uma literatura à margem*. Niterói: EdUff, 2010.

CAMPEDELLI, Samira Youseff. *A telenovela*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

HUPPES, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vasallo de. (org.) *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEYER, Marlyse. *Folhetim, uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OROZ, Silvia. *Melodrama: o cinema de lágrimas da América Latina*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. México: FCE, 1999.

PORTO E SILVA, Flávio Luiz. “Melodrama, folhetim e telenovela: anotações para um estudo comparativo.” *Revista FACOM* - nº 15 - 2º semestre de 2005. Disponível em: <[http://www.fAAP.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_15/flavio\\_porto.pdf](http://www.fAAP.br/revista_faap/revista_facom/facom_15/flavio_porto.pdf)> Acesso em: 09 de março de 2014.

SARLO, Beatriz. *El imperio de los sentimientos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1995.

THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xTufTT6u5gg>>. Acesso em 25 de outubro de 2014.